

BREVE HISTÓRICO DA TAQUIGRAFIA

Fatos Interessantes (e Curiosos)
na História da Taquigrafia

Palestra apresentada:

- Em Aracaju, no II Encontro Nacional de Taquígrafos, em novembro de 1994;
- Em Rio Branco, no Encontro dos Taquígrafos do Acre, em maio de 2000;
- Em Porto Alegre, no Congresso Internacional de Taquigrafia Parlamentar e Judiciária, em novembro de 2001;
- Em Vitória, no Encontro dos Taquígrafos do Espírito Santo, em dezembro de 2001.

Por: WALDIR CURY
Ex-taquígrafo-revisor da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
e Professor de Taquigrafia

“Die Kunst so schnell zu schreiben als gesprochen wird ist der höchste Triumph der Schrift”. (A arte de escrever tão rápido quanto se fala é o mais alto triunfo da escrita).¹

(Karl Faulmann)

Hoje vou ser um contador de histórias. Contarei fatos curiosos e interessantes da fascinante História da Taquigrafia.

Juntos faremos, com a nossa imaginação, uma viagem fantástica através dos tempos e dos séculos passados. Vamos sonhar...

Antes de começar a nossa primeira história – e apenas por força da clareza – vamos falar por um minuto sobre as “Notas Tironianas”. O que são “Notas Tironianas”? Guardem bem o seguinte: “Notas Tironianas”, ou “Abreviaturas Tironianas” são os sinais taquigráficos inventados por *Tiro* (Marco Túlio Tiro). E quem foi esse Tiro? Foi um escravo e secretário de Cícero, o grande orador romano.

Notas Tironianas são, pois, *o primeiro sistema organizado de taquigrafia*.

As Notas Tironianas foram usadas *desde o século I antes de Cristo até o fim do século XI*: portanto, foram usadas por 12 séculos.

Vejam que coisa extraordinária: um sistema de taquigrafia, inventado por um escravo, que foi usado durante mais de mil anos!

Mas aconteceu um fato curioso: no final do século XI, as Notas Tironianas desapareceram. E nos séculos seguintes não foram mais usadas. Teriam ficado perdidas para sempre? Se vários clássicos a elas se referiam, onde estariam elas? Como seriam? Será que em algum lugar poderiam ser encontrados registros ou documentos dos tais sinais taquigráficos inventados por Tiro e que haviam servido durante tantos séculos como o *gravador* que tudo registrava e que haveria de deixar tantos legados para a História e a Cultura da Humanidade?

Quatro séculos se passaram...

E aqui começa a nossa primeira história.

Estamos no dia 25 de janeiro de 1482. Está nevando muito. Um viajante bate à porta do mosteiro beneditino de Spanheim (Mogúncia) e pede abrigo. (Nós vamos ver que esta neve foi muito providencial para a história da Taquigrafia). Estamos no tempo das grandes abadias como centros de cultura.

O viajante era Johann Heidelberg, que mais tarde ficou conhecido como “o Tritêmio” (por ter nascido em Tritenheim – “Trithemius”, em latim).

Os monges beneditinos o acolhem. E o Tritêmio, ao conhecer a vida dos monges, decide vestir o hábito. E tanto se distinguiu na vida monástica que dois anos mais tarde foi eleito abade.

Tamanha foi a sua dedicação aos estudos e tal fama de sábio conquistou que de todas as partes acorriam pessoas para conhecer e consultar o Tritêmio. Enriqueceu a biblioteca do mosteiro com mais de 2 mil volumes, compreendendo as obras mais importantes do saber humano.

Ele próprio, o Tritêmio, escreveu 80 obras. Entre elas, duas ficaram célebres e foram publicadas logo após sua morte: *A poligrafia e a Esteganografia*.

No Livro *A Poligrafia*, existe um capítulo com o seguinte título: “*De notis et mirabili modo sed nimis laborioso scribendi M. T. Ciceronis, est post eum Sancti Cypriani episcopi et martiris*”, no qual o Tritêmio afirma ter encontrado um livro de abreviaturas taquigráficas escrito por Marco

¹ Faulmann, Karl. *Historische Grammatike der Stenographie*. “Anleitung”, Viena, 1888.

Túlio Cícero e depois ampliado por São Cipriano para uso dos cristãos. O livro consistia em uma coleção de milhares de abreviaturas taquigráficas, as famosas “Notas Tironianas” com o significado ao lado. Alguns estudiosos supõem que Cícero tenha enviado essa lista de “Notas Tironianas” ao seu filho, quando este estudava filosofia e letras em Atenas.

Mas a importância do Tritêmio para a redescoberta das Notas não pára aí. Ele narra também ter encontrado, em outra ocasião, num outro mosteiro beneditino, um outro pergaminho muito velho, cheio de poeira, a que ninguém dava valor. Por ignorância, o pergaminho era marcado com o título “Psalterium in armenica lingua” (Saltério em língua armênic).

O Tritêmio descobriu que aquele Saltério – que teria pertencido a Santo Anselmo, contendo orações, salmos, cânticos e outros escritos sacros, na realidade não estava escrito em idioma armênio – como se pensava – mas sim em Notas Tironianas. E aqui é bom lembrar que foi o Tritêmio que deu a denominação de “tironiana” a esta grafia especial. O termo “notas tironianas” é, pois, do Tritêmio.

E o Tritêmio ainda acrescenta que esse modo de escrita requer uma grande memória e um cansativo trabalho de tradução, pois *cada sinal significa uma palavra, uma sílaba ou uma parte do discurso*. (Nós veremos mais adiante que o Tritêmio não estava certo quando afirmava que cada sinal significava uma palavra. Isto, por certo, iria requerer dos taquígrafos uma memória prodigiosa.)

	approbat		modestus		epistola
	comprobat		immodestus		litera
	improbus		modicus		literæ
	probus		immodicus		syllaba
	probitas		commodus		tempus
	improbitas		incommodus		per tempus
	probabilis		accommodat		peridétépus
	reprobat		in modum		temporalis
	modus		admodum		extéporalis
	modulus		quæadmodú		homo

Quadro de notas tironianas do Tritêmio

A fantástica descoberta do Tritêmio começou a atrair logo a atenção de outros eruditos. Todos queriam conhecer a antiga cultura e a arte de taquigrafar dos romanos.

Um desses eruditos foi *Pietro Bembo*, o célebre humanista, escritor e historiógrafo de Veneza.

E aqui vem outra história. Conta-se que o Papa Júlio II (o papa de Rafael e de Miguel Ângelo), em 1513, recebeu como presente e como curiosidade uma obra escrita com sinais antiquíssimos e inusitados. O papa, então, submeteu a obra a vários estudiosos para que a interpretassem. Como ninguém o conseguisse, o papa lembrou-se de Pietro Bembo, que então estava trabalhando como bibliotecário de São Marcos e era possuidor de preciosa coleção de antiguidades. Após várias tentativas para decifrar a tal obra, Pietro Bembo acabou reconhecendo ali as Notas Tironianas. O pergaminho era uma parte do *De Sideribus*, do gramático romano Igino.

Em relação ao *redescobrimento das Notas Tironianas*, devemos ainda citar importantes nomes:

Jan van Gruytère (o Grutero), de Anversa (1560-1627), filólogo e professor em Heidelberg. Aproveitando o estudo do Trittêmio, publicou, em 1602, uma coleção de 13.000 Notas Tironianas.

Temos de citar ainda o nome de um dos mais sábios e fecundos escritores do século XVII, um monge beneditino da Congregação de São Mauro, da Abadia de Saint Germain de Près, perto de Paris, de nome *Giovanni Mabillon*.

Após 6 anos de estudo, Mabillon publicou, em 1681, vasta e importante obra, a *De Re Diplomatica* em que trata da arte de ler e conhecer os documentos antigos, a paleografia. Nessa obra, Mabillon fala exaustivamente sobre o conhecimento e a interpretação das Notas Tironianas.

Tão importante e genial foi o estudo de Mabillon que, depois dele, não existe obra de paleografia que não trate das Notas Tironianas. As Notas Tironianas passaram a ser um ramo da Paleografia (ciência que tem por objeto o estudo dos escritos antigos).

Os anos foram passando. Outros doutos começaram a dedicar-se e aprofundar-se na interpretação da taquigrafia dos romanos.

E em 1747, outro beneditino, *Pietro Carpentier* (1697-1767) fez publicar um importantíssima obra com o título “Alphabetum tironianum”, em que procurou expor metodicamente as Notas Tironianas, decifrando-as e classificando-as de acordo com as várias partes da gramática. Foi um trabalho extraordinário.

Esta obra foi importantíssima porque Carpentier deixou entrever, pela primeira vez, a possibilidade de uma *sistematização metódica* das Notas Tironianas. Até então, pensava-se que as abreviaturas consistiam em invenções especiais e não em caracteres alfabéticos.

A bem da verdade, só em princípio do século XIX é que a escrita tironiana começou a revelar os seus segredos, os fundamentos da sua constituição. Até então, alguns eruditos ainda a confundiam com a criptografia.

Mas quem mais contribuiu para o entendimento e a reconstrução das Notas Tironianas foi o insigne paleógrafo alemão Federico Ulrico Kopp (1762-1834). Em 1817, publicou em Mannheim uma obra de quatro grossos volumes, intitulada “Paleographia critica seu Tachygraphia Veterum exposita et illustrata”. O primeiro volume é consagrado inteiramente à pesquisa feita nas inscrições e nos textos antigos, à origem das notas tironianas e à exposição dos elementos e leis que as regulam. No segundo volume, intitulado “Lexicon tironianum”, são apresentadas, em forma de dicionário, 12.000 abreviaturas em ordem alfabética com a respectiva transcrição literal e interpretação; e, numa segunda parte, uma lista alfabética das palavras latinas e as correspondentes abreviaturas tironianas.

O trabalho de Kopp, que tem como base o pressuposto de que a *taquigrafia dos romanos deriva do próprio alfabeto latino com aplicações dos princípios gramaticais*, foi considerado de fundamental importância para o conhecimento da origem e dos valores das Notas Tironianas. A obra de Kopp abriu o caminho para todos os outros estudos posteriores que tinham como objetivo a decifração e a reconstituição da taquigrafia dos romanos.

Alguns estudiosos atribuem a invenção da taquigrafia aos hebreus; outros, aos gregos. Falemos rapidamente sobre estas duas teorias.

HEBREUS – Salmo de David, 44: “Lingua mea calamus scribae velociter scribentis”, “A minha língua é como a pena de um escrivão que escreve velozmente”. Isto não é suficiente para que nós concluamos – com certeza – que os antigos Hebreus conhecessem uma estenografia. Se formos “esticar” muito as interpretações da Bíblia, acabaremos por concluir que quando ela fala em “carruagens de fogo” ela já fazia referência ao nosso trem “maria fumaça”.

OS GREGOS – Plutarco (morto em cerca de 120 d. C.) refere-se a XENOFONTE, dizendo que XENOFONTE recolhia as palavras de Sócrates com um tipo de escrita abreviada, consistindo em apócopies e sinais exprimindo sílabas e palavras (399 a. C.). Também a Xenofonte e às abreviações faz menção Diógene Laércio, escritor grego e autor de biografias de filósofos. (III século d. C.)/no “Memorabilia Socratis”, II, 48). Os estudiosos, porém, têm dúvidas sobre se as alusões de Plutarco e Diógene Laércio referiam-se a uma verdadeira estenografia ou antes a uma simples anotação abreviada. Parece que os célebre oradores gregos, como Antifonte, Górgias,

Lísias, Isócrates, Ésquines e o grande Demóstenes escreviam e elaboravam muito os discursos antes de os pronunciar. Sabemos, por exemplo, que Isócrates levou dez anos preparando sua célebre oração “o Panegírico”.

DOS GREGOS SÓ RESTAM HIPÓTESES. Sobre uma antiga estenografia grega há duas correntes de opinião de estudiosos:

Uma corrente que NEGA – Levy; Scott de Martin Ville; Anderson; Pitman; Zeibig; Schmitz; Krieg. Uma corrente que ADMITE – Carpentier; Kopp; Lewis; Fossé; Gabelsberger; Gardthausen; Giltbauer; Gomperz; Mitzschke; Thompson; Mentz; Mozer; Johnen.

Evolução da Taquigrafia em Roma

Os romanos costumavam fazer abreviações e usar siglas. Por exemplo:

“C.” = César,

I.N. R. I. = Iesus Nazarenus Rex Iudeorum

I.P. S. = In pace sepultus

MuM = Monumentum

N. L. = Non licet; Non liquet; Non longe; Numerii Libertus.

Estamos no século IIIº a. C. e neste ponto acontece um fato determinante para o desenvolvimento da taquigrafia latina. Um tal Ênnio recolhe e coloca em ordem, com finalidade taquigráfica, todas as siglas vulgares que estavam em uso. Quem fala desse Ênnio é Santo Isidoro, Bispo de Sevilha (570-636), no livro *Etymologies* (Delle Origini, I, 22 de notis interpretandis), na Idade Média.

“Vulgares notas Ennius primus mille et centum invenit.

Primeiro Ênio inventou mil e cem abreviaturas vulgares.

Notarum usus erat, ut quidquid pro contione vel contentione aut in iudiciis diceretur, librarii scriberent complures adstantes, divisis inter se partibus, quot quisque et quo ordine exciperet.

Essas abreviaturas permitiam que tudo que fosse dito nos discursos, nos debates e nos tribunais, fosse registrado por vários escrivãos que se encontravam presentes, e que dividiam as partes entre eles, de maneira tal que cada um recolhesse quantas palavras pudesse na seqüência do discurso.

Romae primus Tullius Tiro, Ciceronis libertus, commentatus est notas, sed tantum praepositionum.

Em Roma, Túlio, Tiro liberto de Cícero, foi o primeiro a fazer uma coletânea de abreviaturas, mas tão somente das preposições.

Post eum Vipsanius Philargius et Aquila, libertus Maecenatis, alius alias diderunt. Denique Seneca, contractu omnium, digestoque et aucto numero, opus effecit in quinque milia.

Depois dele, Vipsanio Filargio e Aquila, liberto de Mecenate, e outros, aumentaram a lista das abreviações. E finalmente Sêneca, juntando tudo que até então havia, coordenou e aumentou o número das Notas, perfazendo um total de cinco mil (abreviaturas).

Notae autem dicta eo quod verba vel syllabas praefixis characteribus notent et ad notitiam legentium revocent.

As Notas (abreviaturas) são assim chamadas, porque registram com caracteres preestabelecidos palavras ou sílabas, e sempre com a finalidade de uma subseqüente interpretação de quem as lê.

Quas qui didicerunt proprie jam notarii appellantur.

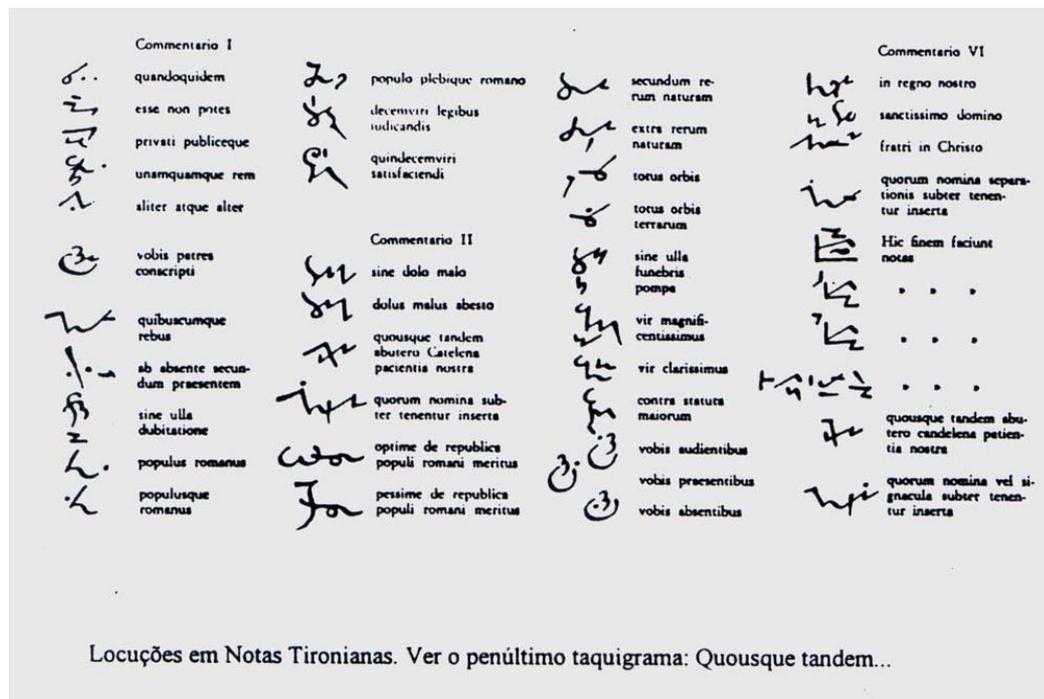
E aqueles que as aprenderam (as Notas) são chamados notários.

Até hoje não se chegou à conclusão sobre se se trata de um Ênio grego, que viveu em Alexandria e depois teria vindo para Roma; ou de Ênio, o gramático, que viveu por volta de 120 a.C.; ou – como querem alguns estudiosos – que se trata do poeta Quintino Ênio, que viveu de 239 a 169 a. C. Esta última hipótese é a mais aceita.

As tais “Abreviações enianas” seriam, então, em número de 1.100.

E nesta fase das abreviaturas dos romanos, o historiador G. Sarpe, no seu livro *Prolegomena ad Tachygraphiam romanam*, publicado em 1829, é de opinião de que *o primeiro apanhamento estenográfico foi por ocasião de um discurso de Cícero contra Verres, no ano de 70 a. C.*

E de acordo com outro estudioso, o Faulmann, *a segunda experiência estenográfica dos romanos teria sido a 8 de novembro de 63 por ocasião da primeira Catilinária* – e isto porque numa das coletâneas das Notas Tironianas existe uma sigla especial (um taquigrama, diríamos nós, hoje) para a famosa frase: “Quousque tandem abutere, Catilina, patientia nostra?” (Até quando, Catilina, abusarás da nossa paciência? – bradou Cícero, no meio de todo seu arroubo e eloquência, ao denunciar Lúcio Sérgio Catilina, patrício romano que estaria conspirando contra o Senado romano.



E Plutarco, historiador e filósofo grego (viveu de 46 a 120 d. C.) relata que para o discurso de Catão no Senado (no processo de Catilina e seus conjurados), foi organizado um serviço de taquígrafos (notários).

E por falar em Catão (também chamado “o Antigo”, ou “o Censor”), esse grande político romano foi célebre pela austeridade de seus princípios e empenhou-se de corpo e alma em combater o luxo desenfreado que começava a corromper Roma. Tendo sido eleito árbitro do conflito entre Massinissa (rei da Numídia) e Cartago, ficou escandalizado com a prosperidade desta última cidade. E, de regresso a Roma, mostrou, com veementes discursos, o perigo que Cartago representava para a República. E terminava todos os seus discursos no Senado com as famosas palavras: “Ceterum, censeo Carthaginem esse delendam” (E além disto, penso que Cartago deve ser destruída).

É muito provável que os taquígrafos do Senado romano tenham também inventado um taquigrama para essa frase tão repetida.

Costuma-se dizer que da tomada do discurso de Catão nasce a taquigrafia parlamentar em Roma.

O que parece claro, a julgar pelos documentos que temos daquela época, é que Cícero teria sido o promotor do uso público da taquigrafia em Roma e seu escravo, Marco Túlio Tiro, teve o mérito de uma importante reforma das “NOTAE”.

Alguns estudiosos supõem que Tiro, ao ter ido com Cícero, numa viagem de estudo, para a Grécia, lá tenha aprendido as abreviaturas gregas e que, de volta a Roma, tenha empreendido a tarefa de uma reforma das abreviaturas latinas, uma reforma no sentido de simplificá-las, aumentá-las, discipliná-las e organizá-las com critério num SISTEMA. Tiro deve ter chegado à conclusão de que, para uma verdadeira taquigrafia, havia necessidade de uma maior brevidade dos sinais para se alcançar maior velocidade. A idéia básica era, então: simplificar para dar velocidade. Importante também era a posterior legibilidade.

A superioridade do sistema de Tiro está, por exemplo, no fato de que, enquanto antes, aqueles que usavam as abreviaturas de Ênio deviam escrever “complures simul adstantes” (muitos ao mesmo tempo), como narram Valério Probo e Santo Isidoro, os que agora se utilizavam do Sistema das Notas Tironianas podiam estenografar sozinhos – conforme se deduz de um trecho de Plutarco.

Agora vejamos com que material taquigrafavam os romanos. Antes, porém, é conveniente lembrar que o lápis só irá aparecer na Europa lá pela metade do século XVI, após a descoberta das minas de grafite em Cumberland, condado da Grã-Bretanha, no norte da Inglaterra. A pena de aço foi inventada mais ou menos na metade do século XVIII. E a atual caneta esferográfica foi inventada por um artesão húngaro e patenteada na América por Laszlò Joseph Biro, em 1943, e sucessivamente aperfeiçoada.

De igual forma, na época dos romanos não havia cadernos e papel como nós os conhecemos hoje.

Os romanos taquigrafavam em tabuletas e usavam, ao invés de lápis, um ponteiro. A tabuleta era constituída de duas tábuas (pranchas) retangulares de madeira ou de marfim com uma pequena margem elevada ao longo dos quatro lados. A parte central, desta forma rebaixada em relação às margens, era recoberta com cera e sobre esta cera escrevia-se com um instrumento de ponta dura, o “stilus”, um ponteiro, que podia ser de metal, de osso ou de marfim. O ponteiro tinha, de um lado, uma ponta aguda com a qual se escrevia na cera, e do outro lado o formato de uma lâmina (espátula) que era usada para se apagar o que estava escrito, alisando a cera.

Cancelando-se com este alisamento o que estava escrito, a tabuleta podia, então, ser usada novamente. A tabuleta assim alisada, assim limpa, era chamada “*tabula rasa*” (tábua alisada, tábua raspada, tábua polida). Daí a expressão muito usada “fazer *tábula rasa*”, no sentido de suprimir tudo, não deixar vestígio de coisa alguma, ou considerar algo como inexistente, nulo.

As tabuletas também podiam ser revestidas com cal (*tabulae dealbatae*) sobre a qual se escrevia com uma tinta negra (atramentum).

Várias tabuletas (até 20) podiam ser unidas com cordazinhas à guisa de dobradiça, formando, desta forma, um livreto com um certo número de páginas, chamado de “caudex” ou “codex”. Se o livreto era composto de apenas duas tabuletas, chamava-se “diploma” e eram exatamente assim os decretos oficiais para a concessão de encargos públicos; daí a nossa palavra “diploma”.

Havia escravos que eram encarregados de entregar as tabuletas aos taquígrafos. No momento em que terminava de escrever numa tabuleta, o taquígrafo já recebia outra “*tabula rasa*”. A tabuleta escrita em Notas Tironianas era levada, então, por um escravo e entregue aos “*librarii*” que traduziam e copiavam tudo por extenso. O texto assim traduzido era depois entregue aos oradores para uma revisão. Em seguida era passado a limpo em pergaminhos ou papiros e publicados.

Os ESTENÓGRAFOS dividiam-se em 3 classes:

- NOTARII (ou CURSORES): que recolhiam as palavras pronunciadas ou ditadas;
- LIBRARIII (ou AMANUENSI): que transcreviam os livros ou copiavam por extenso os escritos e os sinais taquigráficos dos NOTARII;

- **EXCEPTORES:** que anotavam todos os detalhes dos processos e sentenças judiciais nos Tribunais.

E já que estamos tratando do material da escrita usado pelos romanos, vale a pena fazer uma pequena consideração a respeito do pergaminho. O pergaminho foi inventado no século II a. C. em Pérgamo, cidade grega da Ásia Menor. Trata-se de um material de escrita feito de peles de animais (carneiro, bezerro, cabra), que eram secas, raspadas e polidas. Teve um uso muito grande na Idade Média para manuscritos.

Acredito que todos devem estar curiosos: como seria essa taquigrafia de Tiro? Quais foram os expedientes abreviativos de que Tiro se valeu nos seus momentos de elucubração, de criação? É bem provável que Tiro tenha elaborado o seu sistema taquigráfico com o concurso de Cícero. Mas mais provável ainda é que ele próprio, Tiro, tenha gasto dias, meses, em pacientes e longas pesquisas. Com que apaixonada dedicação deve ter-se consagrado àquele excitante desafio: o de inventar um sistema de escrita abreviada que captasse os discursos e pronunciamentos dos grandes oradores romanos!

Hoje sabemos que os expedientes usados por Tiro foram os seguintes:

- *diversas posições dos sinais* – sinais retos
sinais inclinados
sinais de cabeça para baixo
sinais invertidos,

segundo a diferença de significados.

- *a contração* – escrevendo-se a primeira e última letra.
- *largo uso do ponto* – colocando-o em diversas posições, de acordo com o significado.

Uma coisa importante é que as Notas não foram inventadas nem numa só época nem por um só autor. Outros contribuíram, depois de Tiro, para o seu aperfeiçoamento.

Contribuíram para o desenvolvimento das Notas Tironianas, segundo Santo Isidoro, Vipsanio Filargio, Aquila e Sêneca.

Havia um ramo da taquigrafia romana chamada “Notae juris”. Era a taquigrafia judiciária usada nos tribunais. Os taquígrafos apanhavam não só os discursos dos promotores mas também os interrogatórios, os debates e as sentenças.

Havia, no entanto, um problema muito sério com as “notae juris”: elas se prestavam freqüentemente a equívocos, como nos relata Cícero, na sua obra “De Oratore” (lib. II, cap. 39).

“Scaurus absolutus crimine ambitus, in Rutilii accusatoris sui tabellis ostendit has litteras: A. F. P. R., easque sic interpretatur: Actum Fide Publii Rutillii – Rutilius, contra, sic: Ante Factum, Post Relatum. Cajus Caninius vero, qui Rutilio aderat, exclamavit, ne utrum significari, sed illud: Aemilius Fecit Plectitur Rutilius”.

Uma pergunta que todos fazem é a seguinte: como os taquígrafos romanos conseguiam taquigrafar oradores velozes com meios tão primitivos?

Costuma-se imaginar que os oradores antigos não eram muito velozes, especialmente porque, falando em lugares abertos, diante de multidões, deviam falar em voz muito alta, até gritar, deviam falar pausadamente, pronunciando as palavras com a máxima clareza possível, acompanhando-as com largos gestos e com uma mímica teatral. Costumavam regular a voz até com a ajuda de instrumentos musicais. Cícero conta que Caio Graco modulava a voz ao som de uma flauta tocada por um escravo escondido atrás da tribuna.

Uma coisa nós sabemos: os taquígrafos trabalhavam muito. Havia processos que iam do nascer ao pôr do sol. Cícero às vezes falava durante três horas sem interrupção. Plínio, o Moço,

conta (Cartas, IV, 16) ter falado por sete horas seguidas. E, certa vez, quando falava com ardor já há cinco horas seguidas (superando as três horas e meia permitidas aos oradores) o imperador mandou um escravo dizer-lhe ao ouvido que tivesse cuidado com a saúde, já que era um homem frágil. Conta-se também que Catão Uticense costumava ficar na tribuna o dia inteiro e que, certa vez, tirado da tribuna à força, continuou imperturbável a oração enquanto o carregavam embora.

E o escritor Fábio Quintiliano (século II) esclarece que os mais veementes discursos de Cícero se prolongavam por mais de três horas; ora, verificamos que a leitura desses discursos não duram 1/3 desse tempo. Daí podemos concluir que a velocidade de Cícero andaria pelas sessenta palavras por minuto.

Escolas de taquigrafia começaram a espalhar-se por todo o Império Romano, chegando, no tempo de Augusto, ao número de 300. Além das pessoas comuns, em pouco tempo, não havia homem de letras, de guerra ou de governo que não conhecesse taquigrafia e dela não obtivesse enorme vantagem.

Personagens importantes tinham taquígrafos como secretários:

Marco Terêncio Varrão, polígrafo latino eruditíssimo, encarregado por César de organizar bibliotecas públicas, escreveu 15.000 volumes utilizando-se das Notas Tironianas;

Caio Júlio César, estadista e general romano;

Júlio César Otaviano, sobrinho-neto de Júlio César, que se chamou depois “O Imperador Augusto” (63 a. C. – 14 d. C.) foi taquígrafo e elevou a taquigrafia à condição de arte liberal. Suetônio, historiador latino, narra (XII Vitae Imperatorum) que Augusto ensinava as Notas Tironianas a seus netos;

O Imperador Tito Flávio Vespasiano (Imperador de 69 a 79 d. C.).

E as abreviaturas tironianas continuavam a multiplicar-se e modificar-se. E da mesma forma como Ênio reorganizou as Notas Vulgares e Tiro, por sua vez, reordenou as Notas Enianas, agora – de acordo com Santo Isidoro – surge um reformador para colocar ordem nas coisas: Sêneca.

Os estudiosos não sabem, no entanto, a que Sêneca Santo Isidoro se refere: se ao Sêneca, mestre de retórica; se ao Sêneca, o gramático; ou se ao Sêneca, o filósofo.

O que se sabe ao certo é que Sêneca recolhe todas as abreviaturas em uso naquele momento, coloca-as em ordem racional e aumenta-as em número, perfazendo um total de 5.000 abreviaturas (sem, todavia, alterar a linha mestra da obra de Tiro).

A taquigrafia é muito citada na literatura latina. Cita-a Ovídio na *Metamorfose*; cita-a Horácio nas suas *Odes*; cita-a Marco Valério Marcial.

Ausônio, um dos últimos poetas latinos, escreve a mais bela ode em louvor da taquigrafia e dos taquígrafos, com o título: “Ad notarium velocissime excipientem”.

Ad notarium velocissime excipientem

Puer, notarum praepetum
 sollers minister, advola;
 bipatens pugillar expedi,
 cui multa fandi copia,
 punctis peracta singulis,
 ut una vox absolvitur.
 Evolve libros uberes,
 instarque densae grandinis
 torrente lingua perstrepo,
 tibi nec aures ambigunt,
 nec occupatur pagina;
 Et mota parce dextera
 volat per aequor cereum
 Cum maxime nunc proloquor,
 circumloquentis ambitu,

A um taquígrafo muito veloz

Apressa-te, jovem e hábil taquígrafo,
 prepara a tabuleta, na qual, com simples
 sinais, escreves frases inteiras, com a
 mesma presteza com que outros fixam
 uma só palavra.

Dito realmente depressa, pois que
 pronuncio tão rapidamente como
 granizo quando cai; mas nada escapa
 aos teus ouvidos e as tuas tabuletas
 nunca se enchem.

A tua mão voa sutil pela superfície
 encerada, e mal tenho proferido
 longas frases, já as fixaste.

tu sensa nostri pectoris
 vix dicta jam ceris tenes
 Sentire tam velox mihi
 vellem dedisset mens mea,
 quam praepetis, dextra fuga
 tu me loquentem praevenis.
 Quis, quaeso, quis me prodidit?
 Quis ista jam dixit tibi
 quae cogitabar dicere?
 Quae furta corde in intimo
 exercet ales dextera,
 quis ordo rerum tam novus
 veniat in aures ut tuas,
 quod lingua nondum absolverit?

Doctrina non haec praestitit;
 nec ulla tam velox manus
 celeripedis compendii.
 Natura munus hoc tibi
 Deusque donum tradidit,
 quae loquerer ut scires prius
 idemque velles, quod volo.

Pois não posso eu pensar com tanta
 rapidez, como tu ao escreveres!

Dize-me – já que te antecipas às
 minhas idéias – como me atraíças?
 Quem te revela o que eu medito?
 Quantas palavras a tua mão não furta à
 minha mente! Que segredos são esses?
 Como acontece que ainda mal a minha
 boca se abriu, já me percebeste?
 Nenhuma arte, nenhum preceito te
 poderiam ter dado este poder de
 abreviar
 porque nenhuma outra mão tem a
 velocidade da tua.
 Foi só Deus que te deu esse dom,
 porque somente Ele podia permitir
 que saibas aquilo que vou dizer
 antes que eu fale, e que a tua vontade
 se sobreponha à minha.

Plínio, o Velho, o homem mais sábio e mais estudioso entre os romanos do seu tempo, pôde compor uma vasta obra literária graças a um taquígrafo que estava sempre ao seu lado.

Plínio, o Moço, refere-se também várias vezes à taquigrafia.

Marco Fábio Quintiliano, orador latino e professor, autor de *De Institutione Oratoria*, em 12 livros, no livro VII, 2, 24, queixa-se de que os taquígrafos apanharam sem o seu conhecimento as suas lições de retórica mas não o fizeram a contento. Assim se exprimiu: “Nam caeterae (orationes) quae sub nomine meo ferentur, negligentia excipientium in quaestum notariorum corruptae, minimam partem mei habent” (“Porque todos os outros discursos que vão sob meu nome estão de tal maneira desfigurados pela negligência de taquígrafos mercenários que de tudo que eu disse só restou uma bem pequena parte”).

Vamos falar agora um pouco sobre a taquigrafia na Grécia. A taquigrafia grega atravessa 3 períodos distintos:

1. Helenístico, de 300 a. C. até cerca de 30 d. C.;
2. Latino-grego, de 30 até 330;
3. Bizantino, de 330 até a metade do século XV.

O documento mais antigo da taquigrafia grega que possuímos é uma carta escrita em 27 d. C. por um tal Dionísio à sua irmã Didime, na qual se queixa de *não haver recebido uma carta dela nem em caracteres comuns, nem em taquigrafia*.

O curso de taquigrafia, que era freqüentado por jovens escravos, tinha a duração de 2 anos. Havia exercícios de memória e exercícios práticos rigorosos que se desenvolviam com um certo ritmo sob a guia de um mestre que costumava dar aula com uma vara na mão. Um golpe de vara aplicado nos dedos punia e estimulava os alunos preguiçosos e negligentes.

O Museu Britânico de Londres conserva uma tábua encerada do IIIº século d. C. com nítidos sinais taquigráficos gregos e um papiro sobre magia do século IV com o mesmo tipo de escritura.

Outros papiros e tabuletas enceradas com abreviaturas taquigráficas gregas foram encontrados no Egito e estão conservados em diversos museus.

Eunápio (346-414), na *Vida dos filósofos e dos sofistas*, conta que o mestre de retórica Proheresio, seu mestre, por ocasião de uma polêmica sustentada diante do magistrado de Atenas,

pede a presença de taquígrafos. Autorizados pelo Procônsul, os taquígrafos instalaram-se ao lado da tribuna. A eloqüência de Proheresio era tão impetuosa que os taquígrafos ficavam extenuados e mal conseguiam seguir o orador. Quando, de repente, Proheresio, dirigindo-se a eles, exclamou: “Olhem, cuidado, porque eu me lembro de tudo que eu disse até agora”. E sem omitir uma palavra, repetiu todo o discurso; e por causa disso teve uma grande ovação e foi comparado a um deus.

O que é importante observar neste ponto, a respeito da taquigrafia grega, é que, depois da conquista romana, por toda parte se vai difundido, junto com a cultura latina, a cultura grega e desta forma se difunde tanto a taquigrafia latina como a taquigrafia grega.

Utilização da Taquigrafia pela Igreja

Vamos falar um pouco sobre a utilização da taquigrafia pela Igreja. Começemos com seu uso junto aos primeiros cristãos.

Antes, não podemos esquecer que, como as Notas Tironianas foram inventadas em 70 a. C., elas estavam em pleno uso na época do Cristo. É pena que não temos documentos que possam comprovar o relacionamento das Notas com Cristo ou com os Apóstolos. Mas existem historiadores modernos que sustentam, por exemplo, ter sido o Sermão da Montanha recolhido estenograficamente.

Certíssimo é que os julgamentos dos primeiros cristãos, acusados de reuniões clandestinas e atos ofensivos contra a majestade imperial, foram taquigrafados. Infelizmente, a maioria dos autos dos processos e dos interrogatórios contra os cristãos foram destruídos por incêndio e pela invasão dos bárbaros. O pouco que se pôde encontrar foi recolhido, primeiro, por Santo Eusébio, escrito em grego e traduzido em latim por São Jerônimo.

Temos, em 237, a criação do primeiro núcleo dos Arquivos da Igreja, empreendida pelo Papa Antero, em que se recolhiam todos os trabalhos efetuados por taquígrafos.

Seu sucessor, o Papa Fabiano, em 238, ordenou que os padres aprendessem taquigrafia.

Seguindo a cronologia, temos o Papa Júlio I (336-352) que deu prosseguimento ao uso de um Corpo de Taquígrafos na Igreja, instituído pelos dois papas anteriores. Sob seu governo, o chefe dos taquígrafos (notários) passou a chamar-se “Primicerius notariorum” e o que o substituíra, “Secundicerius”. E o título “Primicerius” torna-se um dos títulos mais importantes da Chancelaria pontifícia.

Tivemos o Papa Dâmaso I (366-384), filho de taquígrafo e ele mesmo taquígrafo. E teve como secretário um taquígrafo que viria a ficar famoso: São Jerônimo.

No Martirológio romano temos um fato relatado que vale a pena mencionar aqui. Genésio substituindo o taquígrafo oficial, negou-se a taquigrafar uma ordem judicial na qual se ordenava punir os cristãos. Jogando a tabuleta ao chão, aos pés do juiz e diante do público que assistia, declarou em voz alta ser ele também cristão. Por causa disso foi preso e decapitado.

Dramática também foi a narrativa da confissão de Santo Adriano. Os acusados são conduzidos diante do Procônsul, que ordena aos taquígrafos: “Escrevei os nomes de todos esses homens”. E um desses taquígrafos, dirigindo-se aos companheiros taquígrafos, exclama: “Escrevam também o meu nome, pois que também sou cristão!”

Entre os taquígrafos mártires são especialmente dignos de menção São Cassiano de Tangeri e São Cassiano de Ímola.

Em dezembro de 298, numa cidade da Mauritània, um soldado chamado Marcelo negou-se – por ocasião do aniversário do Imperador Diocleciano –, a oferecer sacrifícios aos deuses em sua homenagem. Jogando fora suas armas, bradou ser soldado de Cristo. Conduzido diante do lugar-tenente Aureliano Agricolano, confirmou sua declaração. Estava presente o taquígrafo Cassiano para taquigrafar o interrogatório, e ele, no momento em que Agricolano pronunciou com fúria a sentença de morte contra o soldado considerado infiel às armas de Roma e ao Imperador, não podendo dissimular a sua indignação, jogou por terra a tabuleta e o estilo, provocando ainda mais a

cólera do juiz. O juiz ordenou, então, que Cassiano fosse companheiro de martírio do soldado Marcelo.

Este gesto de jogar por terra a tabuleta e o ponteiro, segundo o Martirológio, foi também repetido pelo taquígrafo Magniliano, durante o processo dos mártires Massimo, Quintiliano e Dada.

Mais trágica ainda foi a paixão *de São Cassiano de Ímola, patrono dos estenógrafos*.

Cassiano era professor de taquigrafia numa escola de Ímola (cidade naquele tempo chamada “Foro Cornelio”, por ter sido fundada por Cornelio Silla). Cassiano era advogado de renome em Roma e foi batizado por São Ponciano mártir. Servia-se da taquigrafia para ensinar aos jovens os preceitos do culto cristão e escapar dessa forma dos perseguidores que o espionavam de toda parte. Mas Cassiano era um professor tão severo e exigente que acabava intimidando os jovens alunos e com isso criava inimizades. Durante a perseguição aos cristãos ordenada pelo Imperador Maximiano Hércules (286-307), Cassiano foi denunciado ao prefeito Tertúlio por um de seus alunos, Corvino. E o prefeito Tertúlio, engenhoso idealizador de torturas, ordenou que o professor fosse entregue à sanha e às represálias dos alunos. Estes, então, começaram a bater nas costas de Cassiano com as tabuletas enceradas até quebrá-las e a ferir todo o seu corpo com os estilos, fazendo o mestre sangrar até a morte. E tudo isso para gáudio e recreação dos oficiais e soldados pagãos que a tudo assistiam. Apenas um de seus alunos, de nome Pancrazio (que depois, aos 14 anos, foi também martirizado), o aconselhava a colocar-se a salvo, mas inutilmente, porque Cassiano não quis fugir do martírio pela fé.

São Cassiano de Ímola tornou-se, então, o patrono dos taquígrafos, e mais ainda dos professores de taquigrafia. E sua festa cai no dia 13 de agosto.

O trabalho dos taquígrafos era disciplinado por normas rígidas e todas as transgressões eram severamente punidas. Estava prescrito o corte da mão aos taquígrafos que traduzissem e transcrevessem de modo infiel.

Hélio Lamprídio, no Livro *A Vida de Alexandre Severo* (Capítulo XXVIII), conta que este imperador fez deportar um taquígrafo, após ter mandado cortar os nervos da sua mão, pelo fato de ele, taquígrafo, ter falseado o relatório de uma sessão do Conselho Imperial.

Um ponto que não podemos deixar de mencionar – por ser demais relevante para este nosso histórico – é que enquanto todas essas coisas aconteciam, as Notas Tironianas continuavam em franco aperfeiçoamento. Novas abreviaturas eram acrescentadas; outras eram melhoradas e adaptadas.

Digna de menção é, por exemplo, a reforma e ampliação das Notas, elaboradas por São Cipriano, Bispo de Cartago (200-258), para uso dos cristãos. Disto nos dá conhecimento o Tritêmio, na sua *Poligrafia* de 1518 (Livro VI): “M. T. Cícero, facundus romanorum orator... librum scripsit ad filium non parvae quantitatis notarum, quem sanctus Cyprianus... multis et notis et dictionibus ampliavit, adjiciens vocabula Christianorum usibus necessaria...” (M. T. Cícero, eloqüente orador dos Romanos, escreveu para o filho um livro que continha uma grande quantidade de abreviaturas taquigráficas, livro este que São Cipriano ampliou com muitas outras abreviaturas e vocábulos, acrescentando as palavras necessárias para uso dos cristãos).

Não sabemos quantos desses sinais taquigráficos foram inventados por São Cipriano ou quantos foram introduzidos no sistema por taquígrafos cristãos. Mas ele teve o mérito de os haver coordenado. A sua obra é admirável, pois enquanto com Sêneca as Notas tinham chegado ao número de 5.000, com São Cipriano atingiram 13.000, conforme nos mostra a coletânea elaborada por Kopp e por Schmitz.

A taquigrafia teve, portanto, grande uso nos processos dos mártires e *na propagação do Cristianismo*.

Nos quatro primeiros séculos, por exemplo, as Notas Tironianas tiveram um papel excepcional: o de registrar os ensinamentos dos Padres da Igreja. Padres da Igreja são chamados os escritores e pregadores dos primeiros séculos, que definiram as doutrinas fundamentais do

Cristianismo e juntaram a uma notável santidade uma completa e cabal ortodoxia aos seus ensinamentos.

Temos, por exemplo, os Padres da Igreja que exerceram seu ministério no Oriente (e aqui foi utilizada a taquigrafia grega): Orígenes, Santo Atanásio, São Basílio, São Gregório Niseno, São Gregório Nazianzeno, Santo Epifânio de Chipre e São João Crisóstomo, admiráveis pela doutrina e tidos como oradores magníficos da Antiguidade.

São João Crisóstomo é considerado o maior dos oradores cristãos. Foi bispo de Constantinopla (387). Conta-se que quando pregava na basílica, para ali acorria tão grande multidão de pessoas, que havia o perigo de morrerem sufocadas. Vários taquígrafos apanhavam suas prédicas, que eram a todo momento interrompidas por aplausos calorosos e entusiásticos.

No Ocidente, tivemos grandes Padres da Igreja relacionados com a taquigrafia. Citemos apenas Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Gerônimo.

De Santo Ambrósio, por exemplo, escreve Giovanni Papini: “A maior parte dos livros que nos restam de Santo Ambrósio são homilias registradas por taquígrafos e depois revisadas e retocadas por ele”.

Temos também São Gerônimo, ele próprio um taquígrafo. A respeito de São Gerônimo, há o seguinte fato interessante. No seu comentário à carta de São Paulo aos Gálatas, ele diz: “Notario dicto aut quidquid in buccam venerit; aut si paululum voluero cogitare, malis aliquid prolaturus, tunc me tacitus ille reprehendit, frontem rugat, manum contrahit, et se frustra adesse toto gestu corporis contestatur”. (“Dito ao taquígrafo de modo fluente, tal qual me vem aos lábios; mas se quero refletir um pouco a fim de emprestar uma melhor forma ao ditado, o taquígrafo, sem dizer nada, olha para mim com ar de censura, franze a testa, contrai a mão e me dá a entender com toda a sua postura que ele está ali inutilmente”. Carta .III).

De São Gerônimo temos ainda outro interessante fato. Foi encarregado pelo Papa Dâmaso I (de quem era secretário) de traduzir as Sagradas Escrituras, revendo a versão dos Setenta. E foi a tarefa empreendida da seguinte maneira: um rabino lia para ele o texto em hebraico. São Gerônimo traduzia simultaneamente para o latim e *um taquígrafo anotava imediatamente a tradução latina*. E esta tradução da Bíblia por São Gerônimo ficou conhecida pelo nome de “Vulgata”.

Outro grande nome que está relacionado com a História da Taquigrafia é Santo Agostinho. Os seus sermões foram conservados em grande parte pelo trabalho dos taquígrafos. As suas conversas de cunho religioso foram também recolhidas por taquígrafos e posteriormente reunidas em três livros, que constituem o *Contra Academicos*.

O antigo biógrafo de Santo Agostinho, Possidio di Calama, escreve: “Os taquígrafos disputavam para registrar todas as palavras de Santo Agostinho e onde quer que um católico tivesse uma cópia estenografada das suas palavras, mandava uma cópia ao amigo para iluminá-lo e ao donatista para convertê-lo”. No seu livro *De Doctrina Christiana*, onde ensinava a arte de pregar e de ensinar, Santo Agostinho fala muito favoravelmente do estudo da taquigrafia.

Em quase todas as conferências e discussões de Agostinho contra os hereges e cismáticos ali estavam presentes os taquígrafos.

Os livros e os tratados de Santo Agostinho chegam à fantástica cifra de 1.030, que foram juntados em 11 volumes pelos Beneditinos, de 1679 a 1700. Trata-se de uma prova magnífica da extraordinária importância da taquigrafia na vida dos grandes pensadores. Devemos mencionar aqui também a figura de Santo Epifânio de Paiva (438-496) que já aos 12 anos era taquígrafo do bispo Crispino (as Notas Tironianas eram ensinadas às crianças). Este taquígrafo Epifânio tornou-se posteriormente subdiácono e mais tarde bispo, vindo a ser, com a morte do bispo Crispino, seu sucessor.

A utilização da taquigrafia nas Assembléias da Igreja

A taquigrafia teve desde os primeiros tempos uma função importantíssima nas assembléias da Igreja.

O primeiro serviço taquigráfico a ser organizado num concílio religioso foi para o *Concílio de Nicéia*, em Bitínia, em 325.

Taquígrafos também estiveram presentes no *Concílio de Antioquia* (269-330), de *Sírmio* (351), de *Rímíni* (359), e no *Concílio Ecumênico de Éfeso* (431).

O *Concílio de Aquiléia*, convocado em 381 por Santo Ambrósio para combater o Arianismo dos dois bispos ilíricos, Palladio e Secundiano, é particularmente interessante, porque nos ficaram duas redações taquigráficas, uma ortodoxa e outra ariana.

Uma organização de serviço taquigráfico em grande estilo teve lugar para a *Conferência de Cartago*, iniciada em 18 de maio de 411, convocada pelo Imperador Honório para tentar um acordo entre os católicos e os donatistas. Nessa organização teve grande parte *Santo Agostinho*, que nos dá amplas notícias em seus escritos. Ele próprio falou em três sessões umas sessenta vezes e a sua forte eloquência produziu documentos irrefutáveis, provas insofismáveis.

Na Conferência de Cartago, os taquígrafos trabalhavam em dupla e deviam apresentar seus trabalhos traduzidos antes da sessão do dia seguinte. Havia ainda os copistas, que coadjuvavam os taquígrafos na transcrição das notas.

Guénin calcula que em cinco ou seis horas os taquígrafos tenham enchido pelo *menos 24 tábuas enceradas no anverso e no reverso* e que tenham ficado absolutamente esgotados pelo extenuante trabalho.

Os taquígrafos não conseguiram terminar a transcrição, por insuficiência de tempo, de modo que foi necessário um adiamento da segunda sessão; e na segunda sessão os donatistas promoveram incidentes, alegando que a demora havia sido provocada com a finalidade de impedir as discussões. Segundo eles, os relatórios deveriam ser lidos diretamente nas próprias tabuletas enceradas, não ainda transcritas, mas esta sugestão não foi aceita.

Sucessivamente foram empregados taquígrafos no *Concílio de Selêucia* (Síria), que reuniu 150 bispos, e no de *Calcedônia (IV Concílio Ecumênico)*, em 451, que colocou fim à controvérsia entre ortodoxos e nestorianos acerca da definição da pessoa de Cristo. Neste Concílio, ocorreu um conflito e consta das Atas que o nestoriano Dioscuro impediu com violência aos taquígrafos da outra parte de taquigrafarem as discussões, arrancando de suas mãos as tábuas enceradas.

À terceira sessão do Concílio, onde foi condenado, Dioscuro recusou-se a comparecer, mas a Assembléia lhe enviou por duas vezes uma comissão acompanhada por um taquígrafo, para recolher e então repetir perante o Concílio as suas declarações.

De igual forma foi organizado um serviço taquigráfico para o *Concílio de Esmirna* (Turquia), e para o *Concílio de Roma de 495*.

A taquigrafia foi usada também no *Concílio de Roma* de 531 e no *Concílio de Costantinopla* (536).

Nas Atas do *V Concílio Ecumênico*, II de Costantinopla (553), no tempo do Papa Vigílio, encontram-se os nomes dos taquígrafos que deles participaram, alguns dos quais são os mesmos do Concílio de 536. Taquígrafos participaram do *Concílio Ecumênico III*, de Constantinopla (680-681).

Também nas Atas do Sínodo, o Concílio Lateranense de 649, convocado pelo Papa Martino I, aparecem os nomes dos notários tendo à frente o nome de Teofilatto, “*Primecerius notariorum*”.

E por fim, nas Atas do *IV Concílio de Costantinopla* (869-870), sob o pontificado de Adriano II, é feita menção de um apanhamento taquigráfico, com as palavras: “Cada uma das coisas que foram ditas foram escritas por taquígrafos e todas as coisas foram registradas tais quais foram ouvidas”.

E os serviços taquigráficos continuaram a prestar relevantes serviços em quase todas as reuniões eclesiásticas, até ao *Concílio Vaticano I* de 1869-70, e ao *Concílio Vaticano II* de 1962-65, convocado pelo Papa João XXIII.

Para o Concílio Vaticano I (1869-70) foi constituído um Corpo Taquigráfico composto de 23 seminaristas de várias nacionalidades. Tais seminaristas aprenderam o sistema Taylor-Delpino, adaptado ao latim por Dom Virginio Marchesi, ele próprio tendo sido estenógrafo no Parlamento Subalpino. Conta-se que, nesse Concílio, muitos bispos que nunca tinham ouvido falar de

taquigrafia ficavam admirados ao constatarem que seus discursos haviam sido recolhidos palavra por palavra. E o Papa Pio IX quis premiar a fadiga do Corpo Taquígrafo, convidando-o a um encontro pessoal no salão da Biblioteca do Vaticano, onde dirigiu-lhe palavras de louvor e fez servir um copioso refresco, passando, em seguida, a conversar com um e outro taquígrafo. Os taquígrafos trabalhavam em dupla, de cinco em cinco minutos. Mas o interessante é que cada taquígrafo escrevia uma frase, alternando com o outro.

Para o Concílio Vaticano II (1962-65), 30 seminaristas foram preparados por um professor da Universidade de Mogúncia (Aloys Kennerknecht), que para tal fim fez uma adaptação da *estenografia unitária alemã* ao latim.

Em relação à taquigrafia tironiana no Ocidente, esta teve uma enorme aplicação principalmente no mundo oficial. Mais que no campo oratório e nos estudos, a taquigrafia prestou grandes serviços aos governantes. Temos notícia disto no tempo de Alexandre Severo (222-235); de Maximiano, seu sucessor; de Marco Antônio (238-244); de Aureliano (270-275) e de Diocleciano (284-305), que fixou os honorários dos mestres de taquigrafia em 75 dinheiros mensais pelo decreto *De prettis rerum venalium*, de 301 (encontrado e publicado pelo cardeal Angelo Mai). (*Notario in singulis pueris menstruos septuaginta quinque*).

Temos depois Constantino, o Grande (306-337), que, ao ser instituída a sede oriental do Império em Bizâncio, tratou logo de organizar um Corpo de Taquígrafos oficial.

Seguiu-se o imperador Juliano, o Apóstata (331-363), sobrinho de Constantino. Tinha a seu redor taquígrafos que ficavam de prontidão dia e noite para o que Juliano precisasse em relação aos negócios do Estado, para preparar discursos para o Senado e obras filosóficas.

Um problema muito sério começava a surgir com as “Notae Juris”, ou seja, com as abreviações usadas no Judiciário. Estavam gerando tantas dúvidas de interpretação que acabaram sendo proibidas.

Uma primeira proibição apareceu sob Teodósio II, por ação do Senado romano, no ano 438.

Em seguida, o Imperador Justiniano (Flavio Pietro Sabbazio, 482-565), no primeiro livro do seu código, com o título *De vetere jure enucleando* (Lege prima, par. 15 – A, 530), proibiu todas as abreviações e anotações que pudessem gerar dúvidas de interpretação nos atos jurídicos.

Apesar desse duro golpe nas “Notae juris”, as Notas Tironianas continuavam seguindo sua marcha. E uma das forças que as conservavam em plena atividade era a Igreja. Os papas continuavam a ter taquígrafos a seu serviço. O Papa São Gelásio (492-496) decretou que um clérigo devia ser, em primeiro lugar, leitor e taquígrafo e, após três meses, tornar-se acólito.

Uma figura bizarra, naquele redemoinho de acontecimentos insólitos até para a Igreja, foi aquela do Papa Vigílio (538-555). Elevado ao trono pontifício com a ajuda de hereges, foi defensor intransigente da ortodoxia até contra o Imperador Justiniano. Mas o que o tornou famoso foi o seu temperamento violento em relação aos taquígrafos. Conta-se que um dia “sic est in furore versus, ut daret alapam notario suo, qui mox ad pedes ejus cadens expiravit” (ficou possuído de tanta cólera a ponto de dar uma bofetada tão forte no seu taquígrafo, que este caiu instantaneamente aos seus pés e expirou. *Liber Pontificalis*). Acusado de homicídio, expulso pelo povo romano, refugiou-se em Constantinopla, onde Justiniano o manteve prisioneiro por oito anos.

Depois do Papa Vigílio, deplorável para a imagem da Igreja, surge a extraordinária figura do Papa Gregório Magno (535-604), notável pela sua santidade, humildade e erudição. Enviou missionários para converter os ingleses à fé cristã e introduziu nos documentos pontifícios a expressão “*Servus servorum Dei*” (Servo dos servos de Deus). O Papa Gregório Magno também muito se serviu dos taquígrafos pontifícios.

E aqui neste ponto do nosso breve histórico da taquigrafia temos que mencionar um episódio relevante relacionado com Carlos Magno (742-814), rei dos francos, imperador do Ocidente, filho mais velho de Pepino, o Breve. Carlos Magno ordenou expressamente o estudo das Notas nas escolas primárias que ele estabeleceu por toda parte, junto com o canto, o cálculo e a gramática: *Psalmos, notas, computum, grammaticam per singula monasteria et episcopia discant*. Capitolare

72º. (Os Salmos, as abreviaturas, o cálculo, a gramática sejam estudados em todas as escolas dos mosteiros e da diocese.)

Riguroso era o estudo naquela época. Existe um texto em que o professor “exorta os alunos a não se esquecerem das Abreviaturas durante as férias, caso contrário fará uso da vara.”

E os alunos deviam saber de cor e salteado longas listas de abreviaturas. No prólogo do Códice parisiense, nº 8779 do século IX-X, encontra-se uma lengalenga de palavras assoantes com as quais o professor estimulava o praticante à velocidade:

“*Sancte sator suffragatur – legis lator largus dator – Iure pollens es (Paulus his) qui potens. – Nunc in aethra firma petra – A quo creta cuncta freta – quae a plustra verunt flustra (quia prustra ferunt frustra) – quando celo (celos) currit velox – cuius nomen crescit lumen – simul solum supra polus – prece posco prout nosco – et pliaca thetra iacla – trudi thetra, tua creta, etc.*”

Vem o reinado de Carlos II, o Calvo (875-877), rei de França. As Notas são estimuladas. Numerosos são os documentos de sua chancelaria em que figuram as notas tironianas.

Depois de Carlos, o Calvo, as Notas tornam-se cada vez mais raras, vão desaparecendo e são substituídas por sinais mais ou menos bizarros (talvez com o intuito meramente ornamental) que tentam imitar as Notas, na melhor das hipóteses.

Até que sob o Imperador germânico Henrique V (1106-1125) as Notas tendem a desaparecer totalmente.

Pelo fim do século X, ainda se podia ver alguma manifestação prática das Notas, algum cultor isolado como, por exemplo, em 971, na Alemanha, por ocasião da eleição do abade Notker, cuja reunião foi taquigrafada por um habilíssimo taquígrafo, um clérigo de nome Ekkard di Santo Gallo. Diz a crônica que, havendo ele taquigrafado na frente do Imperador Óton III (983-1002), este ficou maravilhado de não ver nada na tabuleta encerrada onde o clérigo taquigrafava, a não ser algumas abreviaturas.

A taquigrafia saía, então, da atividade febril na Sociedade e ficava confinada nos mosteiros.

Mas acontecia um fato curioso. Paralelamente ao ocaso das Notas Tironianas no Ocidente, a taquigrafia grega, no Oriente, estava em franco desenvolvimento. Surge a *taquigrafia silábica grega*, ou seja, uma abreviação por sílaba, ou sílaba por sílaba.

E baseado nesse tipo de caracteres silábicos, provenientes dos mosteiros e sobretudo da Magna Grécia, Santo Nilo Juniore da Rossano, fundador da Abadia de Grottaferrata (Roma) e do seu célebre “*scriptorium monasticum*”, elaborou (999-1004) o sistema de taquigrafia grega que é conhecido com o nome de *sistema de Grottaferrata*.

Depois de 12 séculos de uso, então, as Notas Tironianas (ou taquigrafia antiga, como costuma ser considerada) entram em desuso no fim do século XI, pelo que sabemos, pois não se encontrou até agora nenhum testemunho ou documento de seu uso posterior.

Mas, apesar da decadência das Notas Tironianas, não houve uma total suspensão da estenografia do século XI ao século XVII, como se pode pensar. Pois nesse período existem manifestações teóricas e práticas, alimentadas por um sistema de abreviaturas medievais e por outros sistemas especiais, como a “*Ars Notaria*”, a “*Ars exceptoria*”, a “*Ars Notaria Aristotelis*”.

A taquigrafia teve vasto uso também nas grandes universidades e na Escolástica.

Temos a figura de São Tomás de Aquino, também importante para a história da estenografia. Estudante na Universidade de Colônia, recolhia as lições de seus mestres, notadamente do seu grande mestre Alberto Magno. De acordo com seus biógrafos, Tomás de Aquino, no silêncio de sua cela, ditava a três ou quatro taquígrafos ao mesmo tempo.

Do século XIII ao XV acontece um fato que vem revolucionar o material de escrita. Começa a importar-se da China o papel de linho (planta da família das lináceas), que vem substituir o caríssimo e raro pergaminho. Acrescente-se a isto a adoção da pena de ganso.

E é interessante observar que, se nessa época não mais se fala nas Notas Tironianas, fala-se nas “*lettere mozze*” (letras abreviadas); é dessa época a “*Ars Notaria*” e a “*Ars notaria Aritotelis*”.

A taquigrafia e os grandes pregadores

A taquigrafia exerceu papel excepcional na época dos grandes pregadores, que começa no século XII com os pregadores das Cruzadas. Amadurece com as pregações das novas Ordens religiosas, como os Dominicanos, os Franciscanos e Agostinianos. Esses pregadores costumavam ir de país a país falando em praças públicas onde se erguiam púlpitos improvisados. As pregações às vezes duravam 4 horas.

Dentre os muitos pregadores, cujas prédicas foram colhidas por taquígrafos, temos o franciscano São Bernardino de Siena,. Um prólogo de um pergaminho do século XV e que está conservado até hoje na Biblioteca Cívica de Siena, informa que as 45 pregações feitas por São Bernardino em 1427 na Praça do Campo foram recolhidas “de verbo ad verbum” (palavra por palavra) por um tosador de lã de nome Benedetto, o qual, largando seu trabalho, comparecia todas as manhãs à pregação do Santo, munido de tabuletas enceradas e de estilo (ponteiro) e pegava toda a prédica em sinais taquigráficos, traduzindo-a no mesmo dia.

São Bernardino de Siena tinha um fogo oratório, uma eloquência espontânea, criativa, persuasiva, humorística e se servia de uma extraordinária mímica, a ponto de atrair multidões e ocasionar um perfeito relacionamento entre orador e auditório. Calcula-se que assistiam às prédicas de São Bernardino até 40 mil pessoas.

E o próprio Bernardino de Siena apreciava o trabalho do seu taquígrafo, como se pode constatar na tradução de uma de suas prédicas (a Prédica nº 6 “a”) em que se dirige ao taquígrafo, exortando-o a que apanhe as suas palavras com fidelidade.

Destacou-se, de igual forma, na história da taquigrafia, o famoso pregador dominicano, Frei Girolamo Savonarola (1452-1498). Suas apaixonadas pregações realizadas na Igreja de São Marcos e na Catedral de Florença foram taquigrafadas “de verbo ad verbum” pelo taquígrafo Lorenzo Vili. Outro taquígrafo de Savonarola foi o irmão Stefano da Co’ di Ponte. Mas este era tão emotivo que na pregação sobre Jó, em 1494, teve que interromper a taquigrafia, pois, conforme ele mesmo narra, “fui tomado de tanta dor e tantas lágrimas que não pude continuar a taquigrafar”.

Savonarola era um orador tão fogoso e conseguia causar tanta emoção e comoção na multidão que ia assistir às suas prédicas, que requeria do taquígrafo um extraordinário sangue-frio, um total domínio de si, uma presença de espírito invulgar, uma atenção fora do comum.

Pasquale Villari, em seu Livro *La Storia di Gerolamo Savonarola e dei suoi tempi*, publicado em Florença em 1926, afirma que Savonarola usava uma escrita abreviada muito semelhante à estenografia. Numa carta de Savonarola a Stefano da Co’ di Ponte, encontra-se a seguinte abreviação: “et c. e. e. e. et c. p. p.”, que Villari interpreta como sendo: “et cum electo electus eris et cum perverso perverteris”(em companhia do bom, serás bom; em companhia do mau, serás mau).

Temos uma interessante ilustração de 1540 de uma edição das prédicas de Savonarola, que mostra um taquígrafo ao pé do púlpito.



Podemos citar aqui também o pregador franciscano Bertoldo da Rastibona (1220-1272), que costumava colocar uma bandeirola num ponto embaixo do púlpito em que pregava ao ar livre, a fim de que a multidão que o escutava pudesse saber em que direção o vento levava a sua voz.

A estenografia foi também muito usada por ocasião da reforma protestante de Lutero e Calvino.

O mais famoso taquígrafo de Lutero foi o dr. Caspar Kreutziger (1504-1548), amigo de Lutero e seu colaborador na tradução alemã da Bíblia. O dr. Caspar Kreutziger recolhia taquígraficamente as prédicas e as aulas de Lutero de modo tal que causava grande maravilha aos presentes.

Por ocasião das discussões religiosas realizadas em Worms entre Eck e Melanchton, em 1540, o chanceler Nicola Perrenot Granvelle, ministro de Carlos V., que presidia as tais discussões, afirmou em relação ao dr. Kreutziger. “Os luteranos possuem um escrivão que é mais hábil do que todos os católicos romanos.”

Ainda com a ajuda da taquigrafia foram conservadas as prédicas e os 2025 discursos do reformador de Genebra, Giovanni Calvino (1509-1563). Os manuscritos encontram-se na Biblioteca de Genebra.

No século XVI a atividade estenográfica vai ficando cada vez mais rara. Nem mesmo as prédicas da Contra-Reforma conseguem incentivar a aplicação prática da taquigrafia.

A invenção de Gutenberg, a *impressão*, gradualmente começava a substituir a escrita manual.

Mas ao fenômeno da máquina impressora junta-se o redescobrimto da antiga taquigrafia romana, as Notas Tironianas, incentivado pelo Humanismo. E o estudo das Notas Tironianas foi o ponto de partida (e de imitação) que levou a novos e adaptados sistemas de taquigrafia.

O ambiente social e cultural (a literatura e a eloquência) propício para esta renovação foi a Inglaterra. Ali é que se desenvolveu o germe da arte estenográfica.

Várias tentativas começaram, então, a ser feitas no sentido de abreviar a escrita ordinária visando à escrita veloz.

Podemos citar o exemplo de William Ratcliff, de Plymouth, que propôs, num livro publicado em 1688, um novo método de abreviar a escrita ordinária. Este método consistia em omitir as vogais e escrever apenas as consoantes, ou inversamente.

Por exemplo, a frase:

“Our Father who art in heaven, hallowed by the Name...” seria escrita assim:

“Our Fth wh rt n hvn, hlwd b ty Nm...”

“Mas uma invenção mais importante e mais genial foi a de Timothy Bright, de Sheffield (1551-1615). Em 1588, Bright publicou um manual de escrita abreviada com o título *Characterie, an Art of Shorte, swifte and secrete Writing by Characters*.

Uma grande novidade desse livro foi ter sido a *primeira reprodução impressa de um livro do gênero*, que assegurou uma ampla difusão entre o público.

O elemento fundamental da taquigrafia de Bright é a reta vertical (já adotada anteriormente no sistema de John Tilbury e derivada da antiga taquigrafia). Escreve em colunas, com andamento vertical descendente, como a escrita chinesa, e não em linhas horizontais.

O sistema de Bright é, porém, deficiente a ponto de não representar todas as palavras da língua. Bright teve de recorrer, então, a dois expedientes: o do *significado anexo* e o da *palavra apelativa*.

Significado anexo:

Mother = ^mparent

Sister = ^sparent

Horse = ^hbeast

Come = go^c

Silent = speak^s

Traduzindo, seria mais ou menos o seguinte: como não posso representar (com os sinais de que disponho) a palavra “cavalo”, coloco a palavra “quadrúpede” e um “c” antero-superior: “quadrúpede”. “Vir”, escrevo o sinal de “ir” e escrevo em cima, à direita, um “v”. Ficaria: “ir^v”.

Palavra apelativa:

Alchemy, astrology, poetry = art (mais um sinal distintivo).

O sistema de Bright, como se pode constatar, representa um difícil malabarismo mental.

Como na taquigrafia tironiana, Bright emprega o ponto. Por exemplo, para indicar o passado, um ponto à esquerda; à direita, para o futuro, etc.

A respeito de Timothy Bright, há uma anedota interessante. Naquele tempo, não existia a figura do “direito autoral”. Por isso era muito comum o roubo de produções teatrais por meio da taquigrafia. A ponto de John Webster ter declarado abertamente temer a presença de estenógrafos no teatro durante as récitas. Ninguém, nenhuma lei impedia que alguém se apoderasse de uma produção teatral e a colocasse em cena em outro teatro. E a respeito desse “plágio estenográfico”, então, existe a seguinte historieta relacionada a Bright: um grande orador puritano, contemporâneo de Shakespeare, o pregador Henry Smith, certo domingo resolveu ir ouvir a pregação de um jovem orador sacro. Qual não foi a sua surpresa quando reconheceu na prédica do jovem orador, palavra por palavra, a própria homilia pronunciada do domingo anterior. No domingo seguinte, este grande orador puritano, Henry Smith, trovejou do seu púlpito contra os “plagiadores” que se apropriavam até da palavra de Deus pronunciada por outros. O jovem “plagiário” não era outro senão Timothy Bright.

Temos uma outra tentativa estenográfica da mesma época, em Londres. O contemporâneo de Bright, Peter Bales, em 1590, publica um manual intitulado *The Writing Schoolmaster of swift writing, true writing, faire writing* (O mestre-escola para se escrever rápido, bem e certo).

Bales, também conhecido sob o nome de Balesius, usava de igual forma sinais arbitrários de sílabas e palavras de difícil aprendizagem e aplicação.

Por exemplo, a frase “O temor de Deus é o princípio da sabedoria”,

“The feare of the Lord is the beginning of wisdom”.

Th f o t L i t beg o wis”.

E Bales dá uma lista de 6000 abreviações arbitrárias, divididas em séries de 12 – “para facilitar o aprendizado”.

Eis um exemplo:

Nay = na
 Nape = nap
 Napkin – nap k
 Narow = nar o
 Natio = nati
 Naked = nak
 Naile = nal
 Name = na
 Natiue = nati
 Nature = nat u
 Nauie (navy) = nau
 Naught = nau t

No manual de Bales existem vários conselhos curiosíssimos deste gênero:
 “Para conforto da vista é muito útil cobrir a escrivaninha de verde...”

A Estenografia Moderna e Contemporânea

(Do Século XVII até hoje)

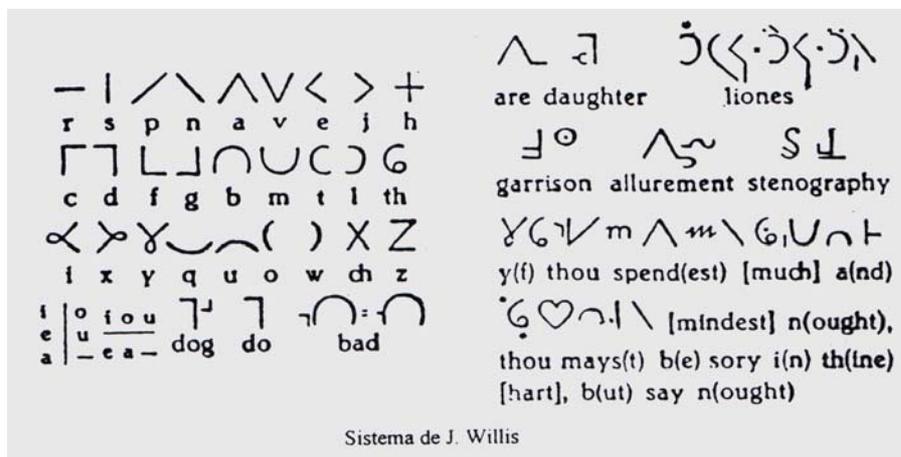
O GEOMETRISMO

(Sinais taquigráficos tirados diretamente da geometria, como partes do círculo, perpendiculares, traços retos, horizontais, verticais, oblíquos, etc.)

A instituição dos parlamentos e das cortes de justiça, as discussões políticas religiosas, literárias e filosóficas fizeram, com o tempo, sentir a necessidade de um instrumento gráfico para recolher a expressão de uma vida nova. E este início da estenografia no sentido moderno, isto é, um sistema orgânico de sinais e regras começa com o bacharel em teologia John Willis (1572-1628), quando, em 1602 publica em Londres um sistema de estenografia com o título:

“*The Art of Stenographie teaching by plaine and certaine rules to the capacitie of the meanest, and for the use of all profession, the way to compendius Writhing. Where into is annexed a very easie direction for Steganographie, or secret writing.*” (Arte da estenografia ensinada mediante regras fáceis e seguras destinada à capacidade dos menos inteligentes, e para uso de todas as profissões. Método de escrita resumida para o qual está anexado um guia verdadeiramente fácil para a esteganografia, ou arte de escrever secretamente.)

A estenografia de John Willis era uma escrita geométrica de 24 sinais principais e de 5 outros. As vogais eram do mesmo tamanho das consoantes e vinham (se não omitidas) colocadas em cinco posições diversas em relação às consoantes, mas sem ligação.



Vários autores depois imitaram e melhoraram o sistema de John Willis.

Dentre eles, vamos apenas citar alguns, não em ordem de importância, mas apenas pela bizarria do título.

Temos William Mason. Em 1672, publicou: *A pen pluck'd from an Eagle's Wing; or the most swift, compendius and speed Method of Short-Writing* (Uma pena arrancada da asa de uma águia; ou seja, o método imediato, sucinto e rápido de escrita abreviada).

O mesmo livro, aplicado à língua francesa tinha também um enorme título, que começava com *La Plume volante...* (A Pena voadora...).

Temos também o título do livro de William Hopking, publicado em Londres em 1674: *The flying Pen-Man* (O homem-pena voador).

Temos o bispo John Wilkins (1614-1672) que expôs seu método no livro *Mercury, or the secret and Swift Messenger* (Mercúrio, ou seja, o Mensageiro secreto e veloz).

Em 1649, Thomas Shelton lança o *Zeiglografia*.

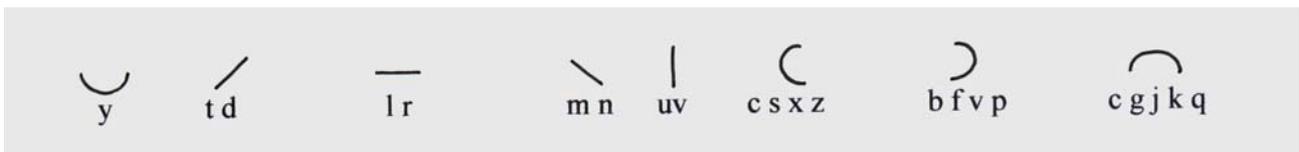
E seguem-se outras tentativas e outros sistemas estenográficos visando a uma sempre melhor e mais rápida escrita.

Além de outros, temos Thomas Gurney, que publicou em Londres, em 1750, uma *Bachygraphy, or Swift Writing, Made easy to Meanest Capacity* (Braquigrafia, ou escrita veloz, tornada fácil até para os de mediana capacidade). O interessante em Thomas Gurney é que seu primeiro relacionamento com a taquigrafia foi meramente acidental. Sua vocação era a mecânica e a astrologia. E foi entre os livros desta matéria que certa feita encontrou uma edição de William Mason (o tal livro de *Uma pena arrancada da asa de uma águia...*) e passou a estudá-la com curiosidade e constância.

Tornou-se hábil taquígrafo da Corte de Justiça e da Câmara dos Comuns e dos Lordes e foi o chefe de uma família de muitos e bons taquígrafos.

A importância de Thomas Gurney deve-se também ao fato de ter sido seu método aprendido pelo físico Erasmo Darwin e também exercitada por Charles Dickens, como ele próprio conta no seu romance *David Copperfield*.

Em 1748, Samuele Jeake publica um sistema inventado por ele, que reduz o alfabeto a 8 sinais apenas:



E continua a sucessão de muitos outros autores de sistemas estenográficos.

E em 1786, um professor de estenografia de Oxford, chamado Samuel Taylor, publicou um livro que ficou famoso:

*An Essay Intended to Establish a Standard for an
Universal System of Stenography, or Short-Hand Writing.*

Neste sistema de taquigrafia idealizado por Taylor, as palavras se escrevem de acordo com o som, independentemente da ortografia ordinária e com um traçado contínuo da pena.

O sistema Taylor teve grande difusão até hoje e foram numerosos os sistemas derivados do sistema Taylor, quer na França, quer na Espanha, quer na América do Norte.

Na própria Inglaterra, surgiram vários modificadores do sistema Taylor. Dentre eles, destacam-se Isaac Pitman e Robert Gregg.

Samuel Taylor é considerado “o Pai da Taquigrafia Moderna”.

Isaac Pitman (Trowbridge, 4 de janeiro de 1813 – Londres, 22 de fevereiro de 1897), mestre-escola em Wotton-under-Edge, propôs-se popularizar o estudo da taquigrafia. Publicou, em 1837, em Londres, um sistema com o título *Stenographic Sound-Hand, founded on Walkers Principles of English Pronunciation* (Estenografia dos sons fundada sobre os princípios que guiam a pronúncia inglesa). Pitman serviu-se da geometria e dispôs os sinais em duplas, de acordo com a semelhança dos sons: p b, t d, f v, etc., distinguindo o som mais marcado com um engrossamento do sinal.

//
pb

||
td

//
chj

— —
k g

CC
f v

))
s z

etc.

O sistema pitman gozou de enorme publicidade e acabou suplantando o sistema Taylor. Teve enorme aceitação na Inglaterra, América do Norte e Austrália. Pelo mérito de tal difusão o Governo inglês conferiu a Isaac Pitman o título de “Sir”.

Em 1840, aparece a 2ª edição do seu método com o título *Phonography or Writing by Sound* (Fonografia, ou Escrita de acordo com o Som).

O sistema Pitman acabou sendo aplicado em quase todas as línguas.

A Fonografia de Pitman, no entanto – em que pese a monumental propaganda -, iria encontrar um forte concorrente: o irlandês John Robert Gregg (Rockorry, 17 de junho de 1867 – New York, 23 de fevereiro de 1948).

Gregg compilou em 1887 a *The Script Phonography*, que teve 29 edições.

Em 1893, Gregg transfere-se para Chicago, na América do Norte, onde obtém crescente sucesso com grande propaganda do seu livro *Gregg Shorthand, A Light-Line Phonography for the Million*.

E nesta pequena resenha histórica que estamos aqui fazendo, não podemos esquecer daquele que é considerado o fundador da estenografia espanhola, Francisco de Paula Martí y Mora (1762-1827).

A estenografia de Martí é baseada nos sistemas de Taylor e Coulon de Thévenot. Teve grande irradiação em alguns países de língua castelhana e é muito usada ainda hoje aqui no Brasil.



No século XIX segue uma lista enorme de autores ingleses. De 1700 a 1900 foram publicados mais de 200 sistemas de taquigrafia, ou seja, uma média de 1 sistema por ano. Mas todos mais ou menos imitadores dos precedentes.

Os sistemas de estenografia começaram a irradiar-se, de igual forma, na França. Dentre vários, é digno de nota Teodoro Pietro Bertin, que adaptou à língua francesa o sistema Taylor.

Temos Jean Félicité *Coulon de Thévenot*, que lançou em Paris, em 1781, o *Méthode de Tachygraphie, l'Art d'écrire aussi vite que la parole*.

Temos Luigi Maria Felice *Conen de Prépéan*, que lançou, em 1813, a obra *Sténographie exacte, ou l'art d'écrire aussi vite qu'on parle*. Nesta obra, Prépéan simplificava os sinais, adotava ganchos e círculos para as vogais. *Conen de Prépéan foi considerado o pai da estenografia francesa*, por ter sido a base da criação de outros sistemas, como o *Aimé Paris* e o *Duployé*.

Aimé Paris, após ter-se dedicado ao estudo dos sistemas Bertin e Conen de Prépéan, publicou, em 1882, a obra *Exposé des principes de la nouvelle méthode de sténographie professée en dix leçons*. A obra teve outra edição em 1827, com o título de *Traité de sténographie*.

Importante também foi o sistema idealizado pelo estenógrafo parlamentar (de 1818 a 1861) e da Sorbonne (em 1828), Hippolite *Prévost*. Em 1826, Prévost publicou em Paris o *Nouveau Système de Sténographie, ou l'Art d'écrire aussi vite que la parole*. Ele se baseou no sistema Taylor-Bertin e fez inúmeras variações, visando ao aperfeiçoamento e ocupando-se mais da legibilidade do método.

O método de Prévost tanto se difundiu na prática que o estenógrafo-revisor do Senado, Alberto Delaunay, estudioso da organização estenográfica inglesa e alemã, se dedicou ao aperfeiçoamento e à propaganda do Prévost.

Mas as coisas não pararam por aí. Outros trabalhos e tentativas continuavam a surgir. E para competir com o sistema bastante difuso do Prévost-Delaunay, o abade Émile Duployé, pároco nos arredores de Paris, e seu irmão Alfonso, lançam, em 1860, a obra *Méthode pratique de Sténographie, ou l'Art de suivre avec l'écriture la parole la plus rapide*.

Duployé tem como objetivo traçar os sinais da maneira mais cômoda possível, evitando ângulos, usando ligamentos e círculos, e eliminando as abreviaturas, com a intenção de transformar a estenografia numa escrita para todos.

Em 1895, temos Georges Buisson, estenógrafo parlamentar, reformando o sistema Duployé.

E em Paris, em 1919, é publicado um livro de C. Leroy, com o título *La sténographie nouvelle en cinq heures* (A nova estenografia em cinco horas).

E seguem-se, na França, outros reformadores do geometrismo.

Mas houve tentativas também no sentido de uma *estenografia cursiva* (sistema em que os sinais seriam traçados com a máxima fluidez, evitando-se os ângulos e escrevendo-se uma palavra possivelmente em um único movimento da pena ou do lápis).

Dentre os autores da estenografia cursiva na França, sobressai L. F. Fayet. Em 1832, L. F. Fayet lança, em Paris, a obra *Nouvelle écriture et Sténographie*. O Fayet propôs-se a facilitar o traçado, as fusões, os ligamentos de modo conveniente aos movimentos do braço e da mão, segundo as observações de ordem fisiológica do anatomista dr. Benecq de S. Cyr, no livro *La Physiologie de l'écriture*, publicado em Paris, em 1826.

A atividade estenográfica desenvolvida na Inglaterra e França estende-se por outros países. Na Alemanha, várias personagens ocupam-se da estenografia. E todos os sistemas ali realizados inspiram-se mais ou menos nos sistemas geométricos ingleses.

Só para citar um exemplo, temos publicado, em 1801, um sistema idealizado por Karl Danzer, com o seguinte título: *Stenographie des Herrn samuel Taylor, aus der Englishen und Französischen angewendet auf die deutsche Sprache* (Estenografia Taylor adaptada dos sistemas franceses à língua alemã).

Karl Danzer adaptou também seu método ao latim para taquigrafar os debates da Dieta húngara, que até 1848 eram realizados em latim.

O CURSIVISMO - ESTENOGRAFIA CURSIVA

(Cursivo: diz-se da letra manuscrita, geralmente pequena, traçada de maneira rápida e corrente; diz-se da escrita à mão inclinada para a direita.)

Surge, então, na Alemanha, um sistema que é uma verdadeira revolução na taquigrafia: *o sistema de Gabelsberger*.

Francesco Saverio Gabelsberger é considerado *o pai da taquigrafia cursiva moderna*.

Em 1834, publica a sua obra mais importante: *Anleitung Zur Deutschen Redezeichenkunst, oder Stenographie* (Introdução à arte de anotar o discurso em alemão – ou Estenografia).

O sistema de Gabelsberger obtém rápido sucesso. Foi adotado pela Dieta prussiana de Berlim, em 1847 e no Parlamento de Viena, em 1848. E logo se espalha por todos os países da Europa. E é adaptado a vários idiomas.

Também na Alemanha aparece uma multiplicidade de sistemas de taquigrafia, além do de Gabelsberger.

O Navarre enumera mais de 300 métodos alemães até 1909.

E essa verdadeira enxurrada de escolas, tendências e métodos faz com que o Governo alemão proponha estudos em prol de uma estenografia unitária, que foi adotada oficialmente em 1924.

Chamada, em alemão, de *Deutsche Einheitkurzschrift*, a taquigrafia unitária era formada de elementos tirados de Stolze, de Faulmann e a maior parte de Gabelsberger.

TAQUIGRAFIA E PERSONALIDADES CÉLEBRES

Vejam, por fim, alguns nomes de pessoas famosas que tiveram relação muito direta com a taquigrafia ou que foram elas próprias taquígrafas.

Guglielmo *Marconi*, físico italiano, primeiro a realizar ligações por meio de ondas hertzianas (Prêmio Nobel, 1909); escapou do desastre do Titanic, embarcando no Lusitânia, em abril de 1912, a convite de estenodatilógrafa que trabalhava com ele.

O grande escritor italiano, vigoroso polemista, *Giovanni Papini*, muito apreciou a estenografia, valendo-se dela para ditar ou desdobrar a sua obra.

Os Papas *Pio XI e Pio XII*, que notoriamente usavam a estenografia para suas anotações particulares.

Blaise *Pascal* (1623-1662), o grande matemático, físico, filósofo e escritor francês costumava firmar seus pensamentos com minutíssimos sinais traçados com um alfinete sobre a unha.

Victor Hugo

Charles Dickens, romancista inglês famoso (1812-1870) foi estenógrafo jornalista e parlamentar.

Salomone Augusto André, explorador polar.

Richard Evelyn Byrd (1888-1957), aviador americano, que sobrevoou o pólo, explorador pioneiro da Antártida.

Thomas Jefferson (1743-1826), terceiro Presidente dos Estados Unidos.

Woodrow Wilson (1856-1924), Presidente dos Estados Unidos nos anos da Primeira Guerra Mundial; concorreu com o escritor e estenógrafo *William Rosenberg*.

James Byrnes, Secretário de Estado Americano de T. Roosevelt. Conta em seu livro “Speaking frankly” haver registrado estenograficamente as conversações de Roosevelt, Churchill e Stalin na Conferência de Ialta, em fevereiro de 1945.

Wiston Churchill.

O grande escritor russo Fiodor *Dostoievski*, que casou com sua secretária estenógrafa Anna Gregorievna.

Benjamin Franklin, político, físico, filósofo e jornalista norte-americano; inventor do pára-raios (1706-1790).

O *Mahatma Ghandi* (Mohandus Karamchand).

Bernard Shaw, famoso escritor irlandês (1856-1950), autor de romances, ensaios e peças de teatro (Prêmio Nobel, 1925). Defendeu um sistema de estenografia baseado no sistema Pitman para a reforma da ortografia inglesa.

John Steinbeck, romancista americano, Prêmio Nobel de Literatura em 1962. Costumava escrever seus livros em estenografia para depois ditar novamente no gravador.

O escritor russo *Leão Tolstói* (1828-1910), autor de *Guerra e Paz*.

Edgar Wallace (1875-1932), escritor inglês, autor de inúmeros romances policiais, que se valeu da estenografia para escrever os seus romances, que traziam sempre o mote “este livro não te fará dormir”.

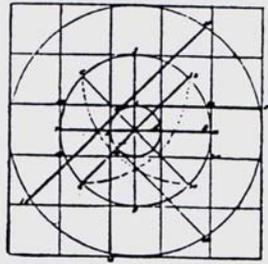
Esses são apenas alguns nomes dentre os políticos, poetas, filósofos, cientistas para os quais a estenografia representou um poderoso meio de estudo, de trabalho, de expressão e comunicação.

E podemos terminar esta nossa relação citando duas eminentes personalidades.

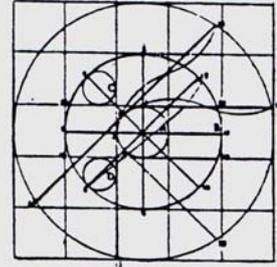
Primeiro, *Júlio Verne*, que disse: “A estenografia é uma arte muito útil, da qual ninguém pode negar as vantagens. Mas com que precisão registra os múltiplos erros que escapam dos oradores! Este é ao mesmo tempo o seu lado bom e mau”.

E ainda o escritor italiano de grande reputação, *Luigi Pirandello*, que exclamava, dirigindo-se aos taquígrafos: “Parem, por caridade, não consigo falar na velocidade com que vocês escrevem!”

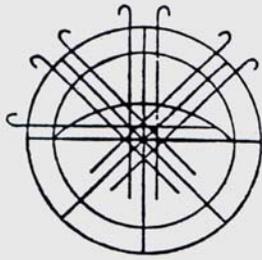
Pantogrammi



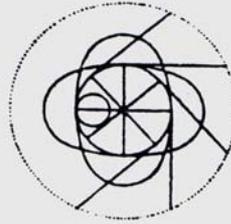
Magnaron, 1848



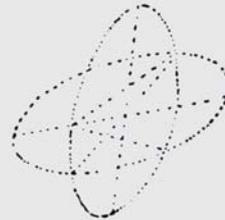
Magnaron, 1862



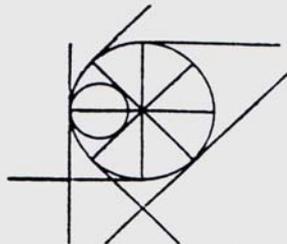
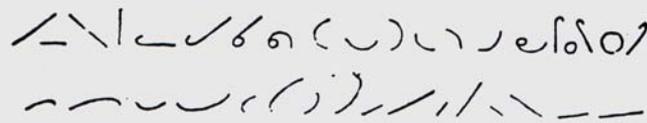
Marti, 1802



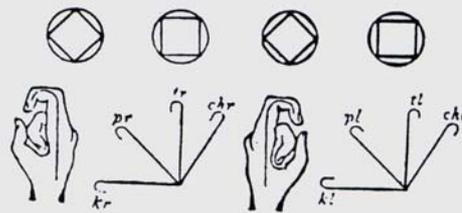
Consoni, 1826



Gregg, 1888



Delpino, 1819



Pitman, 1837

Pantogramas e sinais dos sistemas geométricos.
No alto a sigla "estenografia" de Gabelsberger - Noe.

OBRAS CONSULTADAS

- CANALE, Mario. *La stenografia risorta ad arte romana*. Federazione Stenografica Italiana, Enrico Noe Editrice, Firenze, 1939.
- FERREIRA, Manuel Reis de. *As Notas Tironianas*. Lisboa, 1938.
- GIULIETTI, Francisco. *Un testamento stenografico e il Concilio vaticano de 1870*. Scuola Tipografica Salesiana, Firenze, 1950.
- GIULIETTI, Francisco. *Storia delle scritture veloci*.
- LUZ, Pedro da Silva e Avalli, Wanda Canes. *Teoria e didática da estenografia*. Livraria H. Antunes Ltda., Rio de Janeiro, 1959.